

“Tovens-velhos” esportistas eternamente?



Antônio Jorge G. Soares**

O presente artigo intenciona analisar algumas das representações do movimento dos Masters, um movimento mundial que coloca o ex-nadador ou o novo nadador frente a competições, aos desafios de bater *records*, à rotina do treinamento. Tal movimento, em nossa percepção, não se estrutura somente a partir do voluntarismo das instituições ou dos indivíduos vinculados à natação. O movimento dos Masters se constrói e se estrutura a partir de uma correspondência de esferas sociais que formam a crença de que o corpo é medida da identidade pessoal e até da personalidade. A longevidade e a estética do corpo sintetizam a representação de saúde e bem-estar. Os instrumentos socialmente construídos para realização desses objetivos sociais são os esportes, a alimentação, a sociabilidade, enfim, a normatização e a valorização das condutas ativas em qualquer idade e em todas as esferas de atuação dos indivíduos. A idéia de não se perder a mobilidade não é de se estranhar, na medida em que temos, em nossa sociedade, a produtividade e a evolução como "fortes valores".

A partir de uma estrutura teórica que tenta entender as transformações dos valores e objetivos sociais sobre o corpo em nosso século - apoiada em Prost (1992) e Elias (1987), analiso os possíveis significados do movimento dos Masters. Metodologicamente, realizo o

confronto entre a modesta estrutura teórica construída e algumas histórias de vida de longevos — retiradas da mídia ou através de entrevistas não estruturadas. Como eixo central de análise, procuro colocar, ainda que provisoriamente, em questão a crença "cientificamente" compartilhada de que as práticas esportivas e os hábitos ascéticos proporcionam longevidade. Tal crença dia a dia se legitima na mídia por argumentos de autoridade de médicos e especialistas em atividades físicas; esses argumentos são até plausíveis, entretanto, carecem de base empírica e de explicações mais consistentes que desvendem o mecanismo e a correlação entre atividades físicas e longevidade. Outra representação, cristalizada e absolutizada nas mentalidades, é a do esporte apenas como um bem utilitário para a saúde. Não são raras as percepções que intuem que a exclusiva motivação de longevos para a prática de atividades físicas seja a saúde. Será que a saúde é o mais forte ou exclusivo valor?

A EMERGÊNCIA DOS CORPOS E DAS PESSOAS DE "TEMPO LIVRE"

Em qualquer grande centro brasileiro, observam-se centenas de pessoas diariamente destinando um tempo significativo de suas vidas para a manutenção de seus corpos. São pessoas correndo, caminhando, fazendo exercícios, nadando e andando de bicicleta, seja na orla

O que leva os indivíduos das camadas médias a destinar um investimento financeiro e de tempo significativo para cuidar especialmente de seus corpos?

marítima, nos parques públicos ou nas vias públicas. Clubes, academias de ginástica, *Spa's*, clínicas de cirurgia plástica são instituições que cuidam da aparência e da saúde dos corpos. Tais instituições representam a atual configuração social, que tem na estética dos corpos uma forma de construção de identidades. Todos buscam a melhor saúde, uns quilos a menos para não ficar fora do "padrão"; uma melhor qualidade de vida, um tempo livre para "relaxar a cabeça"; e até, quem sabe, a longevidade. A origem dos motivos para tal conduta social em relação ao corpo são múltiplas: vão desde o saber normatizador da medicina até a industrialização das aparências físicas (cosméticos, produtos esportivos, produtos farmacológicos, vestuário). Como pano de fundo para o câmbio de atitudes em relação ao corpo, visualizo os longos processos de transformação da vida material, social e política, no sentido de Elias. Poder-se-ia perguntar as causas dessa atitude generalizante, onde os corpos assumem um papel central na construção do *eu* nas sociedades modernas. O que leva os indivíduos das camadas médias² a destinar um investimento financeiro e de tempo significativo para cuidar especialmente de seus corpos?

Uma explicação que poderíamos recorrer seria as transformações políticas, tecnológicas e sociais que se deram entre as fronteiras do espaço público e privado no ocidente. Tomando por base a análise de Prost (1992) de como essas transformações se deram na Europa do final do século passado aos dias de hoje, pode-se ter em mãos algumas pistas para que se entenda o movimento dos Masters como parte do cenário sócio-cultural de nossa sociedade. Prost descreve que esse processo de mudança se deu de forma multipolar, isto é, as transformações das representações sociais sobre o público e o privado fundam-se nas mudanças ocorridas no trabalho, nas relações entre gêneros, nas tecnologias, nos lazeres e nas formas de educar. O conjunto dessas transformações incidiram sobre as representações do corpo e, conseqüentemente, sobre o *eu*. A balança que media o corpo com mais peso de instrumentalidade tende hoje a desequilibrar-se para o lado da expressividade; o peso aumenta pelo forte impulso na direção da afirmação do *eu*?

A leitura de Prost indica que o *trabalho* é uma categoria central para que se enten-

da a troca de sensibilidades em relação aos corpos e seus fazeres na sociedade. A categoria do trabalho aqui não funciona exclusivamente como determinante: ela é um eixo central em nossa sociedade, na medida em que gastamos mais tempo na produção de bens, alimentos e serviços. Assim, o trabalho é determinante e determinado pela ação dos indivíduos, pelas inovações tecnológicas, pelo imaginário familiar e religioso, pelas representações dos direitos jurídicos dos cidadãos, pela esfera da política, do lazer e outras.

Tomando especificamente o foco central deste artigo, podemos notar que a saída do trabalho da esfera do lar, na Europa da transição do século XIX para o XX, para o espaço da fábrica, causou uma série de transformações (Prost, 1992). A primeira delas é uma demarcação no espaço de atuação dos sexos, onde as tarefas para superar as necessidades de sobrevivência foram divididas: os homens saíram para buscar o sustento nas fábricas e as mulheres assumiram a responsabilidade total da casa.

Anteriormente ao trabalho fabril, a produção era realizada em manufaturas domésticas. Os corpos produziam no espaço privado do lar, assim não se fazia necessário controlar a eficiência da produção, na medida em que o contratante só pagava pelos produtos produzidos. Entretanto, quando os homens passam a produzir no espaço da fábrica, o controle sobre os corpos se torna uma necessidade da maximização da produtividade. Por exemplo, o relógio de ponto foi uma forma de controlar os trabalhadores e o tempo que estes gastavam para produzir os produtos: foi uma forma de controlar mais precisamente os custos e o lucro da produção. Mas, em contraposição, foi uma referência necessária para os sindicatos perceberem o quanto os trabalhadores eram explorados, foi também motivo para reivindicação da redução da jornada de trabalho, que, até então, o trabalhador não tinha a noção exata do tempo que gastava dentro da fábrica. Observa-se com o exemplo do relógio de ponto a dinâmica do jogo na sociedade. Os corpos, no contexto que Prost narra, eram representados como instrumentos para o trabalho, isto é, ter saúde e força era um imperativo para a sobrevivência dos trabalhadores. Daí deriva-se a imagem popular de que quem está gordinho (nem gordo nem magro), com as bochechas coradas, está saudável.

O complexo processo das transformações tecnológicas e demográficas vividos no ocidente redirecionam e redefinem as relações nas esferas do trabalho e da família. A tecnologia, progressivamente liberando a força física necessária ao trabalho, maximiza a produção e torna os corpos mais iguais para as necessidades fabris. O aumento demográfico, a redução progressiva da taxa de mortalidade, pelo sucesso da medicina e da indústria farmacêutica, aumenta a longevidade e a necessidade de produzir bens e serviços para uma sociedade que cresce assustadoramente na primeira metade do século XX. As mulheres que estavam restritas ao trabalho do lar são requisitadas para integrar as forças produtivas.

A produção do trabalho familiar, quando é quebrada pela proliferação das fábricas, no início do século, marca fortes separações entre as relações públicas e privadas dos indivíduos. O lar passa a ser o local de exercício da intimidade. Em contraposição à situação anterior, em que a família trabalhava nos espaços da casa, os limites entre o público e privado se confundiam na vida diária. Por exemplo, produzia-se o tecido de algodão onde comiam, dormiam e mantinham relações sexuais. A experiência de privatismo, progressiva, neste século, quebra a identidade-nós em função da afirmação do eu, do indivíduo. O trabalho se diversifica em função da complexidade da sociedade. A troca de atitudes se nota pelo simples fato do indivíduo escolher a profissão, escolha essa que deixa de ser uma imposição familiar ou política⁴ e passa a ser vista como um direito individual. A unidade familiar se quebra e se vai democratizando, na medida em que cada um deve deliberar sobre o seu destino, sobre a sua felicidade.

As lutas dos trabalhadores, além de reivindicarem melhores condições salariais, redução da jornada de trabalho, direito para o exercício de tempo livre e privatismo, reivindicam também o direito de uma vida digna na fase da vida não-produtiva (aposentadoria). Como consequência, os trabalhadores conquistaram a instauração dos sistemas previdenciários, assim o indivíduo na fase não-produtiva da sua vida deveria ser mantido pelo Estado ou por alguma caixa previdenciária privada. A imagem do velho e do seu papel

na sociedade e no seio da família vai se transformando. O indivíduo, teoricamente, passa a ser autônomo financeiramente na fase não-produtiva, com isso reforça-se a noção de indivíduo.

Com os avanços da medicina, a população dos idosos cresceu assustadoramente nos últimos quarenta anos. Já não são exceções os octogenários. A imagem do avô que ficava contando histórias para os netos e morava com os filhos já não é constante no cenário de hoje. A imagem de velhice se modifica. Como Vincent (1992) aponta, a idéia de velhice é construída socialmente. Ele comenta que Madame Sévigné qualifica Luís XIV, no seu segundo casamento, como um velho (o Rei naquela época, tinha 47 anos. "Eu não confio em ninguém com mais de trinta anos" foi uma frase marcante na música popular brasileira na década de 70. Hoje ninguém se arriscaria a dizer que um homem de cinquenta ou sessenta anos está velho; as representações se inverteram: pessoas nessas idades estão se divorciando, contraindo novos casamentos, fazendo esportes (às vezes competitivos, como os Masters), enfim, possuem uma vida autônoma; já não são valorizadas pela experiência que acumularam, mas pela capacidade de "jovialidade" que possuem. No Brasil, hoje, homens e mulheres entre os quarenta e sessenta anos já não são chamados de velhos, mas sim de indivíduos na fase madura. A idéia de maduro representa o "ponto ideal"; estar no "ponto ideal" é situar-se na fase do lobo ou da loba, segundo os clichês atuais.

Vincent (op. cit.) descreve que, na década de setenta, na Europa, as pessoas (que ocupavam cargos superiores) passaram a ter maiores expectativas de vida e se aposentaram mais cedo. Esses "jovens" aposentados, segundo as palavras de Vincent, com situação econômica estável, formaram um novo segmento na sociedade mercantil. O mercado investiu fortemente nesse novo segmento: revistas para a terceira idade, universidades para a terceira idade, pacotes turísticos, além das políticas de subsídios para essa fase da vida. Esses "jovens" aposentados adotaram um estilo de vida alimentando e alimentado pelo mercado. Por exemplo, a revista *Notre Temps* extinguiu do seu vocabulário os termos aposentado, terceira idade e idosos, e passou a qualificar seu público como "pessoas de tempo

livre" (Vincent, op.cit.). Esse neologismo demonstra a permeabilidade e atração entre o mercado e esses novos consumidores.

A idéia de velhice, nos tempos atuais, assumiu significados negativos, quase como um tipo de patologia. Ser velho representa apresentar sinais de velhice: pele enrugada, locomoção mais lenta, cabelos brancos, etc. O mercado, assim, investiu na expectativa dessas pessoas através de serviços e descobertas (tecnológicas ou mitológicas) que retardam o declínio natural do corpo com o passar dos anos. Cirurgias estéticas, alimentos dietéticos, esportes e atividades físicas, cosméticos e outros constituem o arsenal contra o envelhecimento. Por sinal, a palavra de ordem é a prevenção contra o envelhecimento em qualquer idade. Por exemplo, da criança ao senil, temos um número variado de hidratantes e protetores que se dizem garantir a proteção e o retardo degenerativo da pele, pois esta é um dos mais fortes indicadores da idade.

O movimento da Natação Masters é apenas um dos reflexos desta configuração social onde os indivíduos das camadas médias e altas passaram a viver mais desfrutando de autonomia financeira na fase não-produtiva da vida. Essas "pessoas de tempo livre" encontram nos esportes, principalmente na natação⁵ e no turismo, um estilo de vida ativo que se contrapõe à imagem do velho como inativo e de pouca mobilidade. A natação para as "pessoas de tempo livre" também é encarada como um meio para retardar o envelhecimento e gerar bem-estar, além de carregar a ideologia de ser o esporte mais completo e menos prejudicial à saúde.

Este contexto de reabilitação do corpo e da longevidade como valor não pode ser dissociado da idéia de morte. A representação negativa da morte parece ter sempre impulsionado os indivíduos a buscar tecnologias para o seu retardamento ou mecanismos psicológicos para a sublimação ou o alívio da angústia que a morte nos trás.

ENVELHECER E MORRER FORA DO ESPAÇO PÚBLICO

Deve-se lembrar que o envelhecer não é visto, ou aceito, com naturalidade porque

traz consigo a idéia de morte, de finitude neste mundo. Dizer que se aceitava a morte com mais tranquilidade em outrora do que hoje corresponderia a dizer que nossos antepassados possuíam uma atitude mais integrada ao ciclo da natureza; o homem nasce, cresce, reproduz e morre. O que não parece ser verdade se nos reportarmos aos mitos Bíblicos de paraíso e vida eterna. O homem, inclusive fora da tradição ocidental, sempre buscou explicações em mitos que dessem conta da transcendência, isto é, a experiência empírica da finitude corporal dos humanos inspirou desejos de uma existência fora dos corpos.

Pode-se pensar que a morte, desde tempos quase imemoriais, assumiu significados negativos. Adão e Eva, ao pecarem no paraíso, perderam a vida eterna,⁶ assim a morte do corpo passa a ser a condenação que o pensamento judaico-cristão legou à tradição ocidental. Ter a finitude corporal passa a representar o pecado que nos "desligou do paraíso". Essa tradição nos deixou a tarefa de ganhar o pão com o suor do próprio rosto. Pecamos (infringimos a lei edênica), quebramos a ordem do paraíso; por isso passamos a ter consciência do nosso próprio corpo e, assim, estamos condenados a sustentá-lo e a mantê-lo. Pelo desejo de conhecer - Adão e Eva comeram do "fruto da Árvore do conhecimento, que era bonito aos olhos" - o homem se tornou autônomo e foi lançado à própria sorte para buscar e construir uma nova ordem, isto é, para reencontrar o caminho do Paraíso.

O que está por trás dessa lei edênica é o desejo de imortalidade, a negação da morte, ou melhor, uma explicação para finitude dos corpos. Os desejos do corpo lançaram o homem fora do paraíso, por isso tem que conviver com a vã necessidade reclamada pelo corpo e com os desejos de paz, felicidade e eternidade reclamadas pela alma. Assim, uma das mensagens básicas que está em toda Bíblia diz respeito ao pressuposto de que o homem, durante esta vida terrena (corporal-espiritual), deve autocontrolar suas ações e desejos (controlar a carne), segundo as leis de Deus, para reencontrar a vida eterna. Pode-se sentir que essa crença religiosa, profundamente enraizada na dinâmica social, deve ser tratada com uma leitura de cunho sociológico, leitura essa que dê conta de explicar o enraizamento das idéias de longevidade, imortalidade e o temor da morte.

*Dizer que se
aceitava a morte
com mais tranqüi-
lidade em outrora
do que hoje
corresponderia a
dizer que nossos
antepassados
possuíam uma
atitude mais
integrada ao ciclo
da natureza; o
homem nasce,
cresce, reproduz e
morre*

A partir do aumento médio das expectativas de vida das populações, a morte passou a ser uma parte de nossa natureza que isolamos cada vez mais da dinâmica social. Um exemplo disso está na proliferação das pequenas Casas de Repouso privadas para idosos, que, de certa forma, vão gradativamente substituindo os grandes asilos. Parece que o termo "Casas de Repouso" soa como um eufemismo que substitui a idéia de asilo. Asilo significa recolhimento das pessoas que não estão ajustadas socialmente. Isolar o velho representa uma troca de sensibilidade social em relação ao passado e em relação à responsabilidade familiar, representa afastar de nossos olhos o "espelho" do declínio inevitável a que todos estão fadados. Afastar o velho moribundo do convívio familiar e social é afastar a idéia de nossa finitude. O movimento dos nadadores Masters, formado por pessoas pertencentes às camadas altas e médias abastadas, não poderia ser pensado como uma reação adaptativa a esse sentimento que a sociedade possui em relação aos velhos? O movimento dos Masters não reflete a sociabilidade necessária para aqueles que a sociedade tende a isolar?

Elias (1987) comenta que a morte no decorrer do processo civilizatório tem se tornado menos pública e mais intimista. Na idade média, por exemplo, todos conviviam no espaço público com a morte. Guerras constantes deixavam inscrita socialmente a finitude na memória de adultos e crianças. A cólera e as pestes nas grandes metrópoles entre os séculos XVII e XVIII (Londres e Paris) marcaram publicamente a imagem da morte na vida social. Elias descreve que não é que a morte fosse aceita com mais tranquilidade que hoje, apenas era mais socializada publicamente. A morte era esperada no leito com os familiares ao redor, consolando ou blasfemando, apenas porque não havia especialistas nem locais especializados para se morrer.

Outra representação que temos da morte é como fonte de sujeira, como falta de higiene. A vida é higiênica, limpa; a morte é contaminada, suja. As pessoas trocam a roupa depois de ir a um enterro ou visitar um moribundo num hospital. Mas será que essas representações se reproduzem nas ações quando voltam de uma maternidade?

Ser velho é ser doente; é estar perto da

morte. Lembro-me de um papo com Gastão⁸ onde comentava que odiava ficar perto de velho, pois, para ele, velho só reclama de doenças, de dores e só pensa em morte. Os comentários de Gastão ratificavam a imagem social cristalizada do velho. Gastão se sentia um "velho" socialmente diferente, uma exceção. Ao contar sua história de vida, comenta que era mais velho quando tinha cinquenta e poucos anos do que aos oitenta e dois, momento em que concedeu a entrevista, a mais ou menos três anos atrás. Seu histórico médico talvez aprove sua percepção, já que ele se submeteu a três pontes safenas no coração, assim não possuía uma história de saúde que justificasse sua vitalidade e longevidade.

Gastão, por ter tido uma grande repercussão pública, em função da sua idade e dos desafios que se propôs, se sentia como uma espécie de exemplo para as novas gerações. Falava, com brilho nos olhos, numa mesa de bar, que já havia levado até os cinquenta anos uma vida não-saudável; fumou muito e, ainda jovem (por volta dos 20 anos), havia parado com a prática regular de atividade física. Mas, paradoxalmente, quando envelheceu passou a ter uma vida mais saudável, mais regrada em termos de atividade física e alimentação. O curioso é que, apesar da dieta balanceada que diz seguir, durante a conversa afirmou que não dispensa uma "cervejinha" e, quando tem oportunidade, também não nega uma boa feijoada. Gastão é um homem público, muitas pessoas o param para conversar; representa um emblema nesta sociedade que tem na longevidade e na idéia de saúde um valor.

A fala de Gastão indica uma espécie de fantasia de imortalidade (no sentido de Elias). Este nadador de grandes travessias oceânicas declarou, aos 82 anos (há três anos atrás), "que poderia demorar dez anos", mas ainda iria bater um recorde mundial de Masters em piscina. É curioso como um homem de 82 anos (na época), que por volta dos 50 sofreu uma cirurgia de ponte safena, pode planejar sua vida esportiva para daqui a dez anos. Por convicção ou por ironia do destino, bateu recentemente (1995) o recorde mundial de nado costas em sua categoria. Parece ser esses sentimentos que Gastão possui que alimenta o sopro de sua vida.

A idéia da imortalidade parece ser uma

categoria central para analisar esse grupo especial de idosos. Sartre fornece uma máxima quando reflete que para o indivíduo ao perder a sensação de sua "imortalidade", a morte passa a ser uma questão de espera. Elias (1987) indica que os homens tendem a defender-se da idéia da própria morte; um impulso psicológico e fantasioso para a manutenção da vida é falarmos para nós mesmos que somos imortais. Numa primeira análise, o movimento dos Masters parece encarnar um espécie de fantasia de imortalidade, apesar dos atletas estarem conscientes do declínio físico que a idade gera. A fantasia se apóia na crença de que se pode retardar ao máximo a degeneração, tal crença encontra eco nos discursos médicos sem fundamentos sólidos veiculados pela mídia. Os nadadores falam que sentem mais rígidos seus músculos e tecidos se sentem mais potentes sexualmente (no caso dos homens), enfim, mais "jovens", menos velhos.⁸

As idéias edênicas, as representações de eternidade, talvez tenham se secularizado diante de todas as transformações tecnológicas e médicas que se operam no ocidente no século 20. A noção do conceito de indivíduo, que se estende ao ideal de realização pessoal, à idéia de que "a vida é uma só companheira", como dizia Vinícius de Moraes,⁹ talvez tenha se cristalizado nas mentalidades que possuem no corpo racionalização da existência.

O SEGREDO DA LONGEVIDADE

Na direção de Lasch (1983), pode-se visibilizar que duas teorias se referem ao envelhecimento em nossa sociedade. Uma teoria pensa que a sociedade deve gerar instrumentos através das atividades corporais, de lazer, para proporcionar bem estar social. Outra preconiza que tais instrumentos sociais, quando bem administrados pelos especialistas, proporcionam às pessoas longevidade. Em geral, o esporte em nossa sociedade assumiu o clichê "esporte é saúde"; desse clichê deriva-se a idéia que o esporte proporciona na longevidade. O esporte nunca é representado como uma fonte de traumatismos, lesões e seqüelas, às vezes irreversíveis, que podem ocorrer nas mais suaves atividades. O esporte, assim, atrai para si apenas a idéia de saúde, longevidade e bem-estar... ©

Nossos órgãos formadores de opinião tomam a longevidade e a saúde¹⁰ como um

tema privilegiado por ser hoje uma demanda social. No programa *Jô Soares Onze e Meia*, nos meses de março e abril de 95, duas entrevistas foram realizadas com pessoas que representam a imagem da longevidade e da saúde. Um dos entrevistados era um baiano negro, que residia em São Paulo, com 119 anos de idade. O outro entrevistado foi um octogenário corredor de maratona e de percursos de longa distância (esse corredor já participou de provas de até 100 Km). O entrevistador, Jô Soares, perguntou para ambos qual era o segredo. O primeiro, o baiano de 119 anos, afirmou que não tinha segredos, disse que em sua família as suas irmãs também atingiram esse número de anos. Durante a entrevista, este centenário pediu permissão para acender um cigarro, o que despertou risos na plateia. O entrevistador, com muita habilidade e humor, também acendeu um cigarro. O outro entrevistado, o corredor octogenário, afirmou que começou a correr por ordem do acaso aos 69 anos, quando um grupo de amigos inscreveu-o numa competição de corrida de longa distância. Cabe ressaltar que até os 69 anos ele não havia praticado nenhum esporte. O corredor octogenário declarou que correu sua primeira prova de calça jeans e sapato e venceu a corrida na sua categoria, além de obter melhor tempo do que muitos participantes de categorias de idade inferior. Orgulhoso, afirmava que há doze anos vem competindo sem perder uma só competição. Qual o segredo desses dois entrevistados longevos?

Em geral, a sociedade e a imprensa correlaciona o bem-estar e a longevidade aos hábitos adquiridos pelos esportes ou pelos hábitos alimentares e de vida mais próximos da imagem da natureza. A idéia de que o homem no campo vive mais e mais saudável, portanto mais natural, representa a vertente da crítica romântica dos séculos XVII e XVIII à vida urbana nas metrópoles." Poder-se-ia pensar que esses novos hábitos influenciam diretamente no atual bem estar físico, psicológico e social que Gastão apresenta hoje aos 85 anos, entretanto, o "segredo" de sua longevidade é improvável que se consiga desvendar. Apesar desses valores e da imagem de herói que Gastão possui, ele e outros longevos podem ter descoberto a fórmula para não ficar isolado numa sociedade que isola os velhos, podem ter descoberto uma fonte de desenvolver sociabilidade; mas a questão da sociabilidade será comentada adiante.

Um outro exemplo de longevidade física é do Sr. Pedro, que aos 91 anos (1995) participa das competições da categoria Masters, sendo um dos mais velhos nadadores do Brasil." Esse longo é a própria história viva: comentou que seus olhos presenciaram os fatos mais marcantes da história do Brasil neste século; lembra dos acendedores de lampião, do bonde puxado por bois no RJ, da Revolução de 30 e da história da dissidência no futebol do Fluminense, que fez nascer o *team* de futebol no Flamengo. Em contrapartida, a sua história de vida não atesta que se correlacione os seus saudáveis 91 anos com os hábitos regulares de atividades físicas no passado. Seu Pedro começou a nadar no início deste século, mas antes dos 20 anos já havia parado de praticar a natação. Dos 20 aos 82 anos, se dedicou ao trabalho e à família, fumou durante uma boa parte de sua vida e aos 82 anos perdeu sua esposa. A partir desse momento, voltou a praticar natação. Posso intuir que a natação serviu como uma atividade compensatória para reordenar a vida de Seu Pedro. Acabou participando da equipe de Masters do Fluminense, sob a orientação do Prof. Roberto de Carvalho Pável, e foi ao Canadá em 84 participar da Competição Mundial de Masters.

Hoje, 1995, nada e treina na piscina do Floresta Country Club e, no momento dessa conversa, à beira da piscina, comentou que se preparava para uma competição de Masters no RJ, mas infelizmente competiria só, pois no Brasil não há adversários em sua idade.

Seu Pedro, que é meu vizinho, é uma pessoa muito amável e admirada pela comunidade. Possui uma vitalidade impressionante: aos 91 anos dirige seu próprio automóvel e mora só. Quando está nadando no Floresta, as pessoas o olham com admiração, e a frase mais repetida ao redor da piscina pelos observadores é a seguinte: "quem dera que eu chegasse a essa idade nessa forma!" Uma relação de causa e efeito entre atividade física e longevidade se constrói rapidamente na mente dos observadores, que de certa forma está em consonância com a mídia. Não dispensa o bom papo: lembro-me que noutro dia uma mulher de meia idade aproximou-se da borda da piscina e perguntou "como vai?"; ele mal tinha começado a nadar e emendou uma conversa de aproximadamente 30 minutos, depois nadou mais 50 metros e foi para casa. No dia em

que conversamos, a rotina foi semelhante a essa. Um dado que não posso deixar de comentar aqui é que a família de Seu Pedro possui uma história de longevos. Pergunto: será que o seu segredo de longevidade é a natação?

Não tenho competência para afirmar qual o segredo da longevidade, ainda que a história de família pareça constituir-se em uma pista; mas, sem sombra de dúvida, o bem-estar social é atestado por essa prática. Para Gastão e Seu Pedro, a natação talvez seja um meio de bem-estar físico; mas, sobretudo, quando se ouve esses homens falarem, observa-se rapidamente o bem-estar social que a natação lhes proporciona. Esses senhores, pelo fato de viverem muito e se manterem em atividade, não só estão integrados socialmente como são valorizados e centro das atenções. Talvez por ordem do acaso tenham descoberto a fórmula de manter acesa a luz da auto-estima numa fase da vida em que a sociedade auxilia a diminuir a auto-estima dos velhos.

COMPETIÇÃO COMO SOCIABILIDADE E ALIMENTO DA AUTO-ESTIMA

Pensar na prática de natação sistemática para sexagenários e octogenários já representa uma vitória do ponto de vista social; já contrariaria a imagem do velho representada como rabugento, inflexível, doente e inativo, um ser em processo de degeneração. Mas, para os Masters, a prática sistemática não representa uma "vitória"; representa simplesmente treinamento para as competições. Competir, colecionar medalhas, definir metas de rendimento, reencontrar amigos e adversários parece ser o combustível que alimenta as pessoas envolvidas nesta modalidade.

Vencer competições, para esses "velhos atletas", assume significados e tensões semelhantes para os indivíduos em qualquer idade, entretanto, o bom-senso da idade reduz a onipotência. Os "velhos atletas" falam que a vitória é sempre bem vinda; ela representa uma auto-afirmação.¹³ Um paradoxo que os Masters relatam é o desejo de envelhecer para se tornarem "mais novos" na categoria acima da qual estão participando.¹⁴ Envelhecer e trocar de categoria significam maiores possibilidades de vitória. Em outras palavras, o nadador, quando está com a idade limite (por exemplo,

69 anos) numa determinada categoria, compete com pessoas que são mais novas cinco anos, e assim, teoricamente, seu rendimento tende a ser inferior aos recém-admitidos (os que completaram 65 anos) nessa suposta categoria. Torna-se, assim, um paradoxo: pensar que em nossa sociedade as atividades corporais representam um forma de retardar a degeneração causada pela idade, quando os Masters em determinado momento anseiam envelhecer para obter maiores possibilidades de vitória, pois entrar na nova categoria representa mais possibilidades de vitória por ser o atleta "mais novo". Esse não seria um paradoxo que merece ser estudado em termos de condutas sociais?

Maria Lenk diz que possui uma grande satisfação em participar de competições. Para ela, significa o reencontro com antigas adversárias com as quais competiu em 1932, por exemplo.

Competir, para os Masters, pode significar várias coisas, como um estilo de vida, um reencontro com a aura da vitória, uma possibilidade de sociabilidade e até uma nova forma de preparação para envelhecer, embora deva-se fazer distinções de vínculos neste movimento a partir da história de vida dos integrantes, isto é, uns possuem passado esportivo e outros não. Por exemplo, o Campeonato Mundial de Brisbane, Austrália 1990, mais da metade dos participantes não possuíam passado competitivo.¹⁵ Para esses sem passado esportivo, a competição pode representar um espaço para realização dos desejos frustrados na juventude em relação ao esporte.

Para os nadadores com passado competitivo, alguns afamados no cenário mundial, competir pode representar uma volta aos tempos de ouro, uma espécie de resgate da aura da vitória e das glórias. De acordo com uma série de historiadores, pode-se afirmar que vivemos numa sociedade narcisa, onde valores se pautam em cultivar o atleta, o corpo saudável e ter no estilo de vida esportivo o seu padrão de excelência. Esses valores estão inscritos nas mentalidades de nosso tempo (Prost, 1991; Lasch, 1983). Ter sido um atleta que viveu com as honras e glórias no passado pode representar uma existência tensa numa sociedade que não valoriza a memória, o passado e as tradições (Lasch, 1983). De fato, pode-se pensar que esta sociedade que valoriza a imagem em detrimento do discurso (falado e escrito) e da memória tem nos corpos, ou melhor, nos corpos belos e saudáveis, o local onde ela inscreve o seu discurso e seus valores por meio da imagem.

Competir também significa sociabilidade e um novo estilo de vida para esse grupo, tanto para aqueles com passado esportivo quanto para os que não possuem. Maria Lenk¹⁶ diz que possui uma grande satisfação em participar de competições. Para ela, significa o reencontro com antigas adversárias com as quais competiu em 1932, por exemplo. Para outros, que não possuíam passado esportivo, a vitória significa uma superação de limites quase que incalculável, significa o alimento necessário para esse novo estilo de vida, significa uma surpresa do tipo "como consegui realizar este feito na minha idade?"¹⁷ Esse novo estilo de vida constrói uma nova rede de amizades para estes que a sociedade tende a isolar. O grupo de Masters bem serve como antídoto para o isolamento: esses atletas promovem confraternizações, além da rotina de encontros realizados à beira da piscina e nos vestiários. Participar de competições assume, para esses novos "atletas idosos", o significado de vencer os limites que a degeneração biológica e os estigmas sociais impuseram aos velhos.

É interessante a elasticidade e a amplitude que definem a categoria dos Masters em natação. Para se tornar um nadador Master a idade mínima é de 25 anos; cada categoria se define por um espaço de cinco em cinco anos: a primeira categoria vai dos 25 aos 29 anos, a segunda categoria vai dos 30 aos 34 anos e assim por diante. Assim, observa-se que esse movimento integra diferentes fases dos indivíduos: da vida adulta-jovem, passando pela fase madura até a senilidade, o que pode ser considerado interessante do ponto de vista da sociabilidade e do rompimento das barreiras etárias. Até que ponto, para os que estão na fase adulta-jovem, essa atividade não funciona como uma preparação para o envelhecimento nesse novo estilo de vida? E para os velhos (sexagenários e octogenários) não seria uma espécie de "alimento" da fantasia de imortalidade através do convívio com a juventude?

Apesar de todas as vantagens de bem-estar social, físico e psicológico que esse movimento possa ter individualmente para os praticantes, entendo que ele também representa uma absolutização do valor da juventude em relação às demais fases da vida. Ser jovem e belo a vida inteira é um valor dominante na sociedade de hoje, o que de certa forma, como

já observei, significa a perda do sentido do tempo histórico, significa que perdemos a crença de que experiência e tradição são fontes de aprendizagem. Em outros termos, tem-se que buscar a "imortalidade do corpo" na superação dos limites do próprio corpo, que se degenera a cada dia. Ainda que a crença na transcendência espiritual permaneça acesa, a idéia de que a vida é uma só muito se solidificou a partir das transformações científico-tecnológicas no aumento das expectativas de vida. É coisa do passado ficar "imortal" através das grandes idéias ou ideais; a história não interessa mais, e a realidade é o que passa na televisão, como conjecturou recentemente Hobsbawm¹⁷. Até a vestimenta não obedece mais a cores e cortes de acordo com as diferentes faixas etárias, pois, da criança ao velho, todos estão "uniformizados de jovens". Esse novo estilo de vida, apesar de seus efeitos positivos, pode representar que, na velhice, para não sofrermos o isolamento, estamos condenados a ser "jovens e esportistas eternamente".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. Elementos para uma sociologia do esporte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BURKE, Peter (ORG.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo : Editora da Universidade Federal Paulista, 1992.
- ELIAS, Nobert. *Introdução à sociologia*. Lisboa : Edições 70, 1980.
- . *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- . *La soledad de los moribundos*. México : Fondo de Cultura Económica, 1987.
- GIDDENS, Antony. *Transformações da intimidade*. São Paulo : UNESP, 1993.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro : Imago, 1983.
- PAVEL, Roberto de Carvalho. *Natação no universo dos idosos masters*. Rio de Janeiro : Tese de Livre Docência, Universidade Gama Filho, 1992.
- PROST, Antoine e VINCENT, Girard. *História da vida privada*, vol.5, São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- SANTIAGO, Leonéa Vitória. *Natação masters: resistindo à velhice*. Rio de Janeiro : Universidade Gama Filho-tese de mestrado, 1993.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo : EPU, 1991.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.
- TUNER, BRYAN S. *El cuerpo y la sociedad: exploraciones en teoria social*. México : Fondo de Cultura Económica, 1989.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a idade média*. Lisboa : Fragmentos, 1988.

NOTAS

*Agradeço especialmente a Leonéa Vitória Santiago e a Roberto Pável pelas reflexões que travei com esses colegas na oportunidade da realização de suas respectivas dissertações. Reconheço minha dívida.

¹ Entende-se por camadas médias o grupo social que compartilha de um semelhante universo de valores e bens de consumo valorizados pela mídia. Por exemplo, moradia que permite privatismo aos membros da família, automóvel, vídeo cassete, máquinas domésticas, possui condições de consumo de lazeres, bem como os assalariados declarantes de imposto de renda, etc. Sabemos que qual quer tentativa de definição-termo parece ser fluida, apesar disso tentamos nos aproximar dos contornos do termo "camadas médias".

² Basta-nos refletir sobre uma série de manuais e terapias que, a partir das posturas que o corpo assume, julgam o tipo de personalidade do indivíduo. Não importa se tais terapias ou manuais possuem um saber articulado ou desarticulado: o que importa é observar que a proliferação de serviços nas áreas das terapias corporais marcam essa troca de representação e valores conferidos ao corpo.

³ Schiller (1759 a 1805) se viu forçado a estudar Direito e Medicina devido à situação de plena vigência do Regime Absolutista, onde se devia obedecer às ordens do Duque. Introdução de Anatol Rosenfeld no livro *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo, EPU, 1991.

⁴ A natação, por ser um esporte que pouco expõe o indivíduo aos riscos de traumatismo articular e traz uma série de benefícios respiratórios, é vista como um benefício inquestionável pelos argumentos de autoridade de médicos e professores de Educação Física que estão estampados na mídia.

⁵ Cf. Os argumentos de Nobert Elias em *La soledad de los moribundos*.

⁶ Gastão é um nadador de grandes travessias: já realizou o percurso Urca-Paquetá e tentou atravessar o Canal da Mancha, mas foi frustrada essa tentativa. Em percursos de longa distância em mar aberto, ele tem sido convidado como nadador de honra (Vitória, Pernambuco, etc).

⁷ Cf. Tese de Livre Docência de Roberto de Carvalho Pável, 1992, Universidade Gama Filho. Especialmente o capítulo 4.

⁸ Esta frase foi retirada do "Samba da Bênção", de Vinícius de Moraes e Baden Powell. A Segunda Grande Guerra também causou um impacto nas mentalidades sobre a possibilidade de fim da humanidade.

⁹ Eu e meu orientador Hugo Lovisolo temos debatido e discutido até que ponto a saúde não se torna, nos dias de hoje, um fim em si mesmo. Ela não é mais um meio para realizar sua felicidade no estar no mundo; mas, sobretudo, no discurso dos especialistas, torna-se um fim sem o mínimo cálculo racional. Por exemplo, as pessoas devem passar a lutar contra as taxas de colesterol ainda quando possuem taxas normais; devem se privar do prazer de comer, no final da vida, coisas que foram socializadas desde a infância para que não saiam das taxas normais que possuem. Talvez tenhamos que pensar o papel que as "verdades médicas" exercem sobre uma espécie de neurose quase ascética que se espalha na sociedade de hoje.

¹⁰ A ginástica e o esporte, de certa forma, também

representam uma forma de volta a um estilo de vida mais natural que a vida em metrópole seqüestrou do homem urbano. O discurso da ginástica no início do século apresenta fortes tendências românticas de resgate da natureza. " Sr. Pedro Ferreira de Almeida foi entrevistado pelo Jornal do Brasil em 26 de março de 1995; JB, Caderno Cidade, p. 16. Sr. Pedro é meu vizinho e me concedeu essa entrevista em abril deste ano.

¹² Cf. Pável, 1992

¹³ A categoria dos Masters se inicia aos 25 anos e não tem término. A troca se dá de cinco em cinco anos.

¹⁴ Cf. Pável, 1992.

¹⁵ Maria Lenk foi uma afamada nadadora que representou o Brasil em várias competições internacionais na década de 30.

¹⁶ Cf. Pável, 1992 e Santiago, 1993.

¹⁷ Entrevista de Eric Hobsbawm na Revista Veja (5 de Abril de 1995) cedida a William Waack.

UNITERMOS

Corpo - Longevos - Competição

* *Antônio Jorge G. Soares é professor Assistente II da Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Educação Física UGF e aluno do Doutorado da UGF.